

Tesouraram a Bolsa?

A CVM investiga se houve manipulação com os papéis da Mundial, a fabricante de tesouras. A ação mais valorizada do ano virou mico

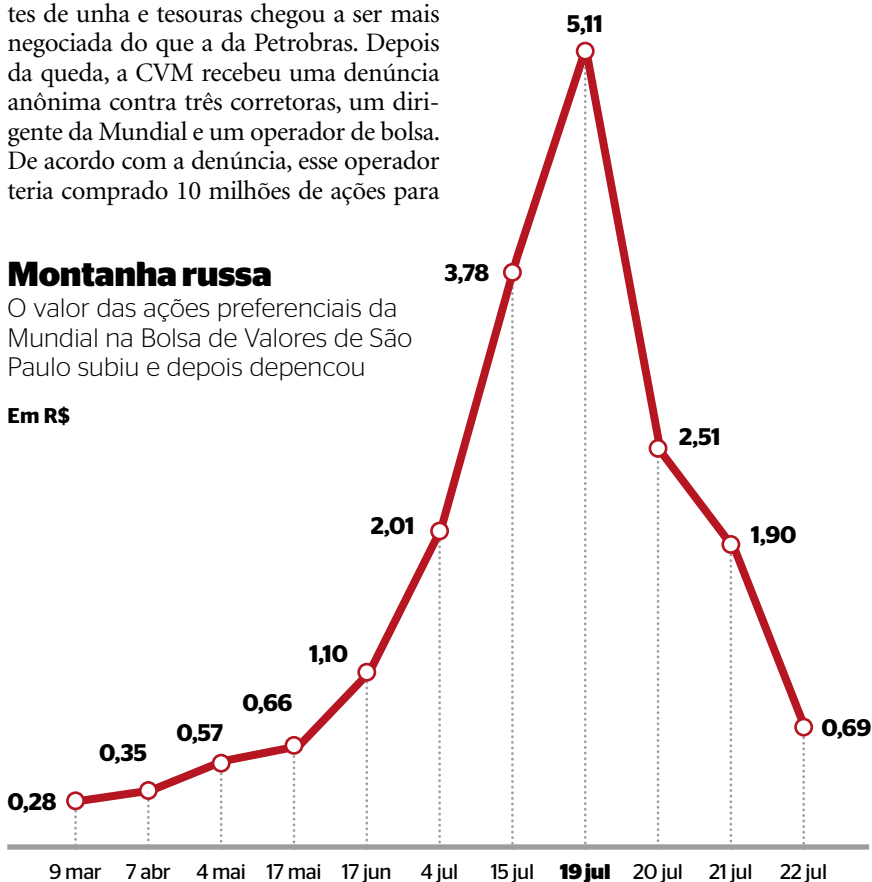
Nelito Fernandes

No jargão da Bolsa, mico é aquela ação que passa de mão em mão dando saltos enormes até que, de repente, ninguém mais quer. O último fica com o prejuízo. Quem investiu R\$ 100 mil em ações preferenciais da Mundial no último dia 19 e manteve os papéis por três dias acordou com R\$ 13 mil na conta e um mico na mão. Até então, a Mundial era a estrela do ano, com valorização de 1.652% das preferenciais e 2.800% das ordinárias. Quem aplicou R\$ 100 mil poucos dias antes e saiu no dia 19 ficou milionário. O movimento chamou a atenção da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), que agora investiga se houve manipulação dos papéis.

A valorização da Mundial estava atraindo tanta gente que a ação dessa pequena e centenária fabricante gaúcha de alicates de unha e tesouras chegou a ser mais negociada do que a da Petrobras. Depois da queda, a CVM recebeu uma denúncia anônima contra três corretoras, um dirigente da Mundial e um operador de bolsa. De acordo com a denúncia, esse operador teria comprado 10 milhões de ações para



CORTANTE
Uma tesourinha da centenária Mundial e o gráfico que mostra valorização e desvalorização abrupta da empresa em cinco meses



Fonte: Bovespa

seus clientes em março de 2010. Procurou a empresa e apresentou seu plano para inflar os papéis e conseguir vendê-los. Três corretoras teriam então começado a comprar e vender as ações entre si, forçando a alta. A denúncia cita até os telefones supostamente usados no esquema. Um investidor que estava lucrando com as ações da Mundial diz ter perdido R\$ 3 milhões encaminhou à ÉPOCA um e-mail enviado a ele por sua corretora com um pedido atípico. Na véspera da queda, a corretora pediu um depósito de R\$ 1 milhão para garantir possíveis perdas. “Não faz sentido pedir garantia quando eu estava com lucro absurdo. Para mim, eles já sabiam que ia cair”.

Até maio, a Mundial era desprezada pelos investidores. Passava dias com pouco mais de cem negócios. No início de junho, o presidente do conselho da empresa, Michael Ceitlin, começou a dar uma série de entrevistas a veículos especializados com boas notícias. A Mundial estava reestruturada, venderia terrenos para pagar velhas dívidas e se preparava para entrar no Nível 1 de governança da Bovespa, que exige das empresas mais transparência nas informações e nas relações com os pequenos acionistas. Surgiram boatos sobre a venda da empresa. Foi quando o papel começou a disparar. Ceitlin nega a participação de funcionários no suposto esquema. Ele diz que a Mundial está sendo vítima. “Transformaram nossa ação num cassino. Quem entrou no efeito manada perdeu dinheiro e agora quer culpar a companhia pela bobagem que fez.”

“A Mundial realmente tinha algumas notícias boas, mas não eram suficientes para essa alta toda”, diz o analista Anderson Lueders. Quando estava cotada a R\$ 0,60, ele divulgou uma análise afirmando que o risco era “bastante significativo”. Para o consultor Maurício Bastter Hissa, o desfecho era inevitável. “Nenhuma empresa melhora assim do dia para a noite”, diz. Para evitar cair no canto da sereia, Lueders aconselha conferir o histórico da empresa. “Veja se é lucrativa nos últimos cinco anos. Quando as pessoas vão comprar um carro elas leem tudo, pesquisam até o seguro”. Na Bolsa, nem todos fazem assim.